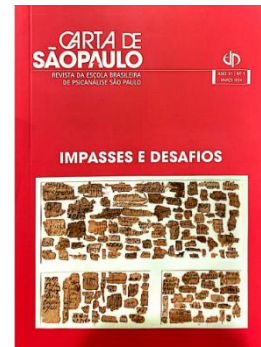


Decidir não decidir♦

O psicanalista e a máquina

Marcus André Vieira



Referência

Vieira, M. A. Decidir não decidir. Carta de São Paulo: Impasses e desafios. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise de São Paulo. São Paulo: março de 2024.

Capa e índice

0.

Primeiro quero dizer de minhas reações, como leigo, cidadão desse mundo cada vez mais excessivo e menos humano, a nosso momento de civilização. Quero dizer do espanto, que suponho ser o de todos nós com as possibilidades na vida quotidiana do que se convencionou chamar “inteligência artificial”.

Entende-se a IA como a capacidade do computador de mimetizar nossas capacidades. No entanto, essa definição tem seus perigos. Alan Turing abriu esse caminho ao reduzir à inteligência humana à capacidade de realizar o que o homem realiza e fazendo dos resultados produzidos pela máquina o parâmetro fundamental para dizê-la inteligente. Tende-se, porém, a pensar que ela faria tudo o que o humano é capaz, ou quase. Nada disso. Ela faz bem melhor um grande número de coisas e simplesmente nada faz em outros campos.

Melhor tomar a IA a partir da seguinte “equação” que proponho a partir de minha leituras de leigo:

- 1) interface linguística + 2) mobilização de database gigantesca + 3) aprendizado de máquina + 4) predição = CHatGPT (entre outros).

I.

Desdobro cada uma rapidamente.

- 1) A novidade é ela dialogar conosco em nosso modo de linguagem (que não é a de programação). Já dispunhamos das mesmas respostas no *google*, mas precisávamos garimpar as informações e concatenate-las nos mesmos. Agora elas nos são apresentadas em um modo diretamente legível;
- 2) Essa database é o que chamamos rede, nossa web, que é continuamente alimentada por todos nós e que é sempre maior do que podemos sequer imaginar.
- 3) A mimetização do modo de comunicação humano se faz graças a essa base de dados, mas também por tentativa e erro e, graças ao uso que os próprios utilizadores da internet fornecem é possível conceber algoritmos complexos que se retificam quando seus avanços não logram sucesso, aprendem modelos de linguagem; (algoritmo capaz de formular

♦Este texto reúne os principais elementos apresentados no evento “Diagnóstico em tempos de Inteligência Artificial, Realizado no IPUB-UFRJ, agosto de 2023. Parte desses elementos foram retomados em minha apresentação “Nomear”, no X ENAPOL.

hipóteses e testá-las até o sucesso). E isso se faz seja por articulações complexas ditas “neurais” em uma metáfora antropomórfica que nos seduz.

- 4) Neste plano, em que a máquina é capaz de aprender, já se começa a chamá-la inteligência artificial, mas é a capacidade de predição do evento o mais provável a seguir que completa a definição.

II.

Os pontos acima foram elencados para que a gente pudesse ter um ponto em comum e um dado prático.

Os algoritmos se retroalimentam o que implica que as decisões dos programadores vão se perdendo no processo. Acaba que é no desempenho das tarefas que veremos os problemas. Os erros se verificam no uso, o que é temerário se entregamos a IA a pilotagem de aviões, por exemplo, mas se não o fazemos, como ela poderá aprender todo o necessário?

A IA é a soma de nosso saber, no que ela é óbvia. E também a soma de nossos preconceitos (os dos programadores). Ainda assim, muitos supõem que por conta de uma *Singularidade* que virá em algum momento impreciso, ela será capaz de se tornar humana realizando a antiga fantasia do autômato perfeito, que prescindiria do mestre.

Então ela não é “inteligência”, pois não pensa no sentido de ter uma consciência, nem é “artificial” no sentido em que ela seria apenas virtual.

Ora, ela não é virtual, abstrata, pura energia, pois para produzi-la é preciso uma série de elementos concretos feitos à base de metais pesados, além disso é preciso manter as máquinas ligadas permanentemente para que realizem seus processos. O mito da energia limpa” desaparece. A IA depende do consumo de reservas naturais. Estima-se, por exemplo, que, para produzir uma rede neural mediana capaz de aprendizado consome-se o equivalente a 150 vôos New York - Pequim, ida e volta.

Finalmente, muitos tentam provar que isso nunca acontecerá, destacando “inteligências não programáveis” como o humor e a poesia que seguiriam sendo o apanágio dos humanos para sempre. Será?

III

Quero interrogar mais uma fantasia, a das inteligências não programáveis, que não cessa de ser abalada pelo progredir das máquinas.

Quero trazer aqui o tema da decisão. Vale lembrar do que afirma J. Derrida sobre o ato do juiz, que vale para qualquer decisão: Sempre há um imponderável em toda decisão que ultrapassa os dados do problema. A decisão sempre transcende a situação, ela depende de um salto no escuro. Todos supõem que esse salto só poderá ser dado pelo humano. Será?

O problema não é a IA, mas sim o homem, sempre.

Essas predições prescrevem tomadas de decisão que até então eram reservadas aos humanos. Neste sentido, vale lembrar que Tang Yu, o mais novo CEO da *NetDragon* de Hong Kong, megacorporação de games, é um aplicativo. Ele tomará as decisões pela empresa daqui por diante - em quais países abrir fábricas, quem demitir etc etc.

O Chatgpt nos interpreta: há, entre nós, um desejo de algoritmo. Poder sem rosto: o “sistema”. São fantasias (fantasmas), bastante humanas que geram tanta repercussão e confusão. São os espectros de nosso tempo:

- 1) A máquina vai querer eliminar o homem.
- 2) Há competências que podem ser programas para o mal, tal como no filme *O Exterminador do futuro*.

3) Seu poder é sem limites (quando basta desligá-lo).

Sintetizo uma origem comum para estes fantasmas: a máquina será um *Anjo*. É o espectro do homem melhorado, puro, melhor. Por isso quereria se desembaraçar de nós. Este é o fascínio da IA em mimetizar o homem. Remeto vocês ao episódio *Be right back* da série *Black Mirror*.

IV

Gostaria de trazer o modo como o analista lida com as decisões. Remeto vocês ao trabalho de Gilson Ianini que realizou uma pesquisa compilando 1300 relatos de sonhos confinados durante a pandemia do Corona vírus. Gilson treinou a IA para produzir sonhos com bastante eficácia.¹

Elas seriam capazes de interpretar um sonho?

Depende de como entendemos o que é interpretar um sonho.

Se Interpretação se equivaler a chave de leitura, a decisão corresponde a “qual a melhor” a mais verdadeira. Sim! Mas, e se a interpretação for outra coisa?

Em Freud encontramos os exemplos de sonhos típicos, tais como os sonhos de nudez - sonhos de estar sem máscara. Mas para cada um, nos sonhos coletados por Ianini, os sonhos de nudez se davam com a nudez da máscara durante a epidemia. Estar nu era estar sem máscara.

Tudo, até o sonho, tem uma parte típica e outra única, singular. Há toda uma literatura sobre o típico dos sonhos, especialmente por parte da antropologia etnográfica.² A máscara escondia algo mais próprio do que ela mesma. A máscara é a mesma as nudezes são diferentes. A questão é como lidar com o atípico.

V

Em um sentido mais radical: elementos típicos, que são invariantes versus o sonho, que tem sempre um ponto cego, umbigo, *objeto a* para Lacan. Ponto por onde o sonho “mergulha do imponderável”, tal como afirma Freud. É nesse ponto em que há mais vida! Insuportável. É a vida nua de Agambem. O gozo, em nossos termos. A máquina reproduz apenas o típico do sonho. No entanto, como toda imagem é do Outro, atípico mesmo só seu ponto cego, umbigo, *objeto a*. É um ponto sobredeterminado, pois diversos fios levam até ele. É encruzilhada, “nó de significantes” nos termos de Lacan.³

O que importa não é explicar o sonho, dar a verdade dele, ou dizer o que fazer da vida a partir dele. Mas fazer este ponto cego durar o bastante para que a vida se reorganize (e ele mude de lugar). Para isso é decidir não decidir. “Escolher não escolher”. Disso, seria a máquina, capaz?

Será preciso distinguir na decisão interpretativa dois aspectos:

- 1) Escolher o caminho para poder decidir a direção; (dar a direção)
- 2) Escolher não escolher, ou seja dar lugar. (dar lugar).

E finalmente, nomear.

VI

O que se escolhe sobre que caminho tomar se refere a uma decisão, mas há também o ato de nomear, dar lugar ao que não há como mudar. De acionar o gozo que mora no umbigo do sonho. Escolher não escolher é decidir colocar alguma coisa no lugar do não definível. Um nome. Lembrando que em uma análise essa dimensão é ainda mais importante porque é o ato de fala do analisante que nomeia e não o do analista.

Concluo com essa indicação de Lacan:

Trata-se (...) de ensinar o sujeito a nomear, a fazer passar para a existência este desejo que está, literalmente, para aquém da existência, e por isto insiste. Se o desejo não ousa dizer seu

nome é porque, este nome, o sujeito ainda não o fez existir. Que o sujeito chegue a reconhecer e a nomear seu desejo, eis a ação eficaz da análise. Mas não se trata de reconhecer algo que estaria ali já dado, pronto para ser cooptado. Ao nomeá-lo o sujeito cria, faz surgir uma nova presença no mundo. Ele introduz a presença como tal e, da mesma feita, cava a ausência como tal. É apenas neste nível que a ação da interpretação é concebível⁴

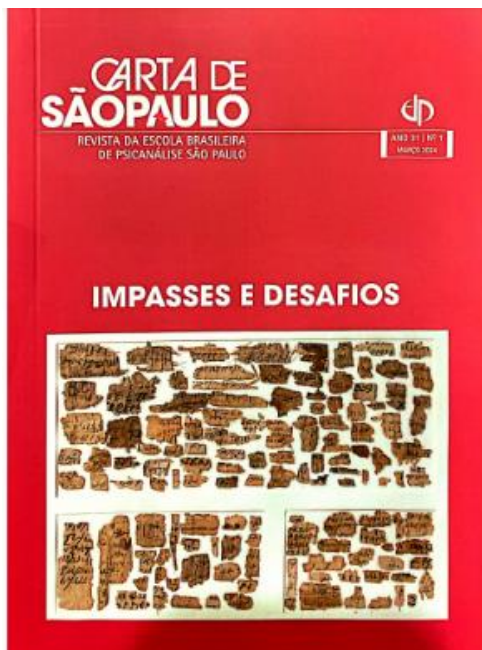
Arriscar nomear é isso. Em vez de decidir o melhor caminho, escolher, situar onde está o ponto que não muda. Esse poder creacionista da análise, de “produzir” um S1, uma nomeação para o que não muda, seria disso a máquina capaz?

¹ Cf. Ianini, G. *Freud no século XXI*, Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2023 (no prelo).

² cf. C. Beradt, *Sonhos do Terceiro Reich* e Limulja, H. *O desejo dos Outros Etnografia dos sonhos Yanomami*.

³ Freud, S. *Edição Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vol. V, p. 556 e Lacan, J. “Televisão”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 519.

⁴ Lacan, J. *O Seminário, Livro 2*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 287.



DIRETORIA EXECUTIVA DA EBP SEÇÃO SÃO PAULO (2023-2025)

DIRETOR GERAL
Nivalde de Oliveira Santos

DIRETORA SECRETÁRIA-TESOUREIRA
Cristiana Chacon Gallo

DIRETOR DE CARTÊS E INTERCÂMBIO
Eduardo C. Benedicto

DIRETORA DE BIBLIOTECA
Camilla Popadiuk

CONSELHO DELIBERATIVO DA EBP-SP

Eliane Costa Dias | **Presidente**
Milena Vicari Castrolfo | **Secretária**
Fernando Del Guerra Prota
Luiz Fernando Carrizo da Cunha
Maria Helena Barbosa
Valéria Ferranti

COLABORADORES DESTE NÚMERO

Felipe Bier
Flávia Conpaz
João Lucas Borges Zanchi

REVISÃO

Luciana Lobato

CONSELHO EDITORIAL

Camilla Popadiuk
Cristiana Chacon Gallo
Eliane Machado Figueiredo
Valéria Ferranti

CONSULTORA

Angelina Harari

EDITORA

Camilla Popadiuk

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Katia Regina Oliveira

A Carta de São Paulo é uma publicação da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo
Rua Tredor Gamparo, 1020, CJ. 1610 | CEP: 05406-050 | Pinheiros
São Paulo | SP | www.ebp.org.br/sp